



SEXUALIDADES E CORPORALIDADES VIRTUAIS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DOS SUJEITOS HOMOSSEXUAIS *ONLINE*

ATILIO BUTTURI JUNIOR (UFFS)

1 Introdução

Seguindo Facchini (2003), no Brasil, a partir da década de noventa do século XX, inicia-se um processo de visibilidade e orgulho *gay*. Sob a égide inicial do GLS (sigla para gays, lésbicas e simpatizantes forjada na década de noventa) surgem algumas séries de enunciados: enunciados de "orgulho" e de assunção de identidade, calcados em estratégias de *coming-out*; enunciados da virilidade corporal, que tornam a homocorporalidade uma espécie de função distintiva; enunciados de sobre a "modernidade" dos comportamentos - no Brasil, como o caso dos *clubbers* e das *drag-queens*; enunciados de defesa e luta pelos direitos civis - "casamento", homoparentalidade etc.

Tendo em vista essa nova discursividade positivante, este artigo tem por objetivo analisar, de uma perspectiva arqueogenealógica (FOUCAULT, 2009a, 2009b, 1993), a emergência de um discurso da/sobre a homossexualidade que, a partir da década de noventa, caracteriza as relações homoeróticas e homocorporais na internet. Para isso, o recorte do *corpus* parte de dois dos *sites* mais acessados para práticas afetivas e sexuais entre os homossexuais masculinos no Brasil, quais sejam: o *Disponível.com* e o *BatePapoUOL*, com dados coletados entre setembro de dezembro de 2011. A hipótese defendida aqui é que há, no discurso de subjetivação e objetivação das homossexualidades brasileira online, uma espécie de cisão axiológica entre práticas masculinas e efeminadas (BUTTURI JUNIOR, 2012), sendo as primeiras da ordem do verdadeiro e do positivo e as outras tomadas como abjetas ou fora-da-norma .

2 O discurso do virtual

No que se refere aos discursos sobre/ da homossexualidade, sabe-se que o primeiro *site* brasileiro de grande alcance na discussão e na produção da homossexualidade é o *MixBrasil*, que parte da série posicionamentos no campo enunciativo que o tornaram uma "referência" na constituição virtual de um discurso GLS. Esta universalização e esta produção, porém, serão reformuladas em termos de diversidade: no discurso da privacidade que se constitui na internet, o que se notará é um recrudescimento dos discursos de identificação masculina única e, nesta esteira, de produção e expulsão das alteridades.

Neste trabalho, sugere-se que, não obstante uma interpretação performáticas das encenações de gênero e de sexualidade que encerram os enunciados e as identidades dos sujeitos do *corpus*, o ponto nodal deste trabalho reside em pensar as relações que os sujeitos detém com a

verdade de seu desejo. Desta perspectiva, parte-se do pressuposto de que, na esfera da privacidade online, além de performarem, os sujeitos se implicam naquilo que produzem como suas subjetividades. A partir dessas reflexões, é mister ir ao *corpus* e aos corpos.

2.1 O Disponível e a construção do "ativo"

Primeiramente, a abordagem é do *Disponível.com*. O *site* de relacionamentos entre homens assim se define: "[...] pelo respeito e a seriedade que a privacidade do usuário é tratada, conferindo assim a segurança de que nenhum dado será informado a terceiros. (DISPONÍVEL, 2011). Como se trata de um discurso a ser cuidadosamente mantido em sigilo, o que se torna paradoxal no caso de um *site* de exposição de si, a organização gráfica do *site* é econômica: apenas um espaço para *login* inicial, para cadastramento de novos usuários e poucos *links* de acesso, sobretudo em caso de problemas com as "contas". Sem me deter numa ampla discussão sobre a homocorporalidade, é preciso de antemão atentar para o jogo discursivo que se instaura a partir da tela inicial do *Disponível.com*. As imagens são claras na construção de uma masculinidade específica, segundo os padrões de uma virilidade, dir-se-ia, hiper-saudável.

Para investigar o discurso das homossexualidades no *site*, me vali da classificação que se realiza entre os perfis, dando conta das preferências dos usuários. No *Disponível.com*, estas preferências estão organizadas na forma de listas regionais que ranqueiam os perfis mais visitados e os perfis mais adotados como favoritos. No universo do ranqueamento, optou-se por observar os perfis "mais visitados" de São Paulo, justamente porque há uma grande semelhança nos enunciados que circulam entre as capitais. A escolha se deu por dois critérios teórico-metodológicos: a hipótese de que há formas de sujeito, de identidade, que são mais desejáveis do que outras, o que confirmaria a tese de uma hierarquia; a permanência de certos centros urbanos como produtores principais de discursos e práticas de afetividade, de sexualidade e de identidade no Brasil. O ponto axial, aqui, é esboçar um funcionamento discursivo que expulsa o par "passivo/efeminado" da ordem da verdade da homossexualidade.

Entre os perfis consultados, chamam atenção algumas "características" comuns a todos: são usuários que se descrevem como ativos (apenas um deles se coloca como "versáti), de pênis avantajados devidamente comentados e expostos, e que se apresentam e exigem "discrção" e "masculinidade". A expressão mais comum e que subsume todos estes atributos é "macho ativo". As identidades que tangenciam este discurso do "macho ativo", então, serão engendradas a partir de uma encenação discursiva do corpo, que aparece em texto e em imagens materializado em pênis devidamente mensurados e nos músculos que exibem um paradigma de beleza para o dispositivo sexual contemporâneo. Leiamos a seção *Sobre Mim* do perfil dos três primeiros colocados:

20cmmachoativo: SOU UM CARA MACHO DE ATITUDE...CURTO
ARROMBAR RABOS COM ATOLADAS...FAÇO DESDE SEXO LEVE ATÉ
HARD...CURTO MUITO PASSIVOS SUBMISSOS,
OBEDIENTES...MIJADOR DE PRIMEIRA [...]

Como se nota, a identidade do "macho ativo" engendra um problema para seu suposto duplo, o "passivo", que deseja ser dominado. Nesta economia erótica, a condição de sua satisfação é manutenção de uma hierarquia rígida de papéis sexuais. No discurso sobre a homossexualidade, isso implica numa negatização dos sujeitos que passam a encenar-se da perspectiva do Outro destes "vencedores". Dito de outro modo: se, no *Disponível.com*, os perfis mais acessados são os que asseveram a produção de identidades ativas e masculinas; este "sucesso" faz inferir um fracasso correspondente: o das identidades que se marcam pelos enunciados da passividade e da efeminização. Observando-se as descrições de *20cm...*, a incidência de uma des-masculinização (ZAGO, 2009) do outro é flagrante, pois seu discurso recorre aos enunciados da submissão e da dominação.

Na seção *Procuo Por*, essa dramática axiológica fica mais evidente. Entre o que desejam os melhores ranqueados, há um imperativo de masculinidade para os passivos:

Brazaguy: Procuo amizades, ficadas e se rolar algo sério com caras bem humorados, HONESTOS e fisicamente SÓ curto CARAS SARADOS, mas que não se resumam em apenas aparência... E MACHOS !!!! (gordinhos, foras de forma, corpo "normal", ciumentos, desculpem, mas é gosto!)

No enunciado, começa a operar um funcionamento paradoxal: ao mesmo tempo em que se exige parceiros "machos", são eles que deverão fazer as vezes de passivo. As marcas do discurso também enunciam corpos ideais, construindo diversas séries de exclusão, que passam por todas as modalidades de "não-sarados". Para o passivo e o efeminado que se vislumbra, uma dupla exclusão: do verdadeiro e do desejável, pois a masculinidade homossexual buscada - e visitada - é construída a partir de performances de que não podem tomar parte; a exclusão pela normatização, já que apenas são legítimas as formas de sujeito que podem circular neste universo monossexual do discurso.

Desta perspectiva, o questionamento retorna ao sugerido pela arqueogenealogia: por que o passivo e o efeminado surgem como um problema? Por que precisam de atenção, de escansão, de disciplina? No caso do brasileiro, os questionamentos ainda são percorridos pelos discursos da igualdade e da diversidade: como manter, no interior das empresas plurais, as teses de ultrapassamento da hierarquia se é justamente a seu retorno sintomático a que se assiste?

O ubuesco deste retorno - afinal, nunca devidamente reprimido - pode ser lido em um dos perfis, o sexto colocado no ranqueamento, com mais de um milhão de visitas: **Machoativoquermacho**. Na seções *Sobre Mim* e *Procuo Por* ele assim de categoriza:

Machoativoquermacho: Macho separado de mulher...com pegada forte...kct grande grosso com XXII cm...socador...dominador...homem com cara de macho...bom nível...cem por cento ativo [...] macho que fode outro macho na moral.

Machoativoquermacho: [*Procuro Por*] Que tenha jeito de homem...Pode ser ativo, passivo ou versátil...caras maneiros para curtir os prazeres do sexo, sempre na encolha [...]

O discurso do usuário guarda um paradoxo: ao mesmo tempo em que se enuncia respeitando o modelo da virilidade - inclusive incluindo os atrativos da insuspeita heterossexualidade ("separado de mulher") - *Macho...* sugere uma contradição: seu parceiro pode ser "ativo, passivo ou versátil". Como se trata dos "prazeres do sexo", ao que parece, a inclusão de outras categorias seria, no mínimo, "profícua". Ocorre, porém, que o desejo inunda o enunciado de paradoxos lógicos: ou bem *Macho...* é ativo (ele identifica-se como "cem por cento ativo") e procura pelo conjunto dos parceiros a quem pode dominar e em quem pode "socar", ou bem *Macho...* já não é mais "ativo", e então deve responder pela audácia da diversidade de seu desejo na hierarquia monossexual do *Disponível.com*.

O problema que aqui cabe discutir não é o da multiplicidade do discurso do desejo, da qual *Macho...* seria o representante. O que é preciso observar é a necessidade de silenciamento e exclusão da passividade e da efeminização do discurso verdadeiro desta masculinidade homossexual. Seu aparecimento, então, ainda que denegado, responde a uma série de modificações e deslocamentos do discurso monossexual brasileiro: em sua aparição gloriosa, urdindo uma separação entre o racionalismo urbano e a tradição arcaizante; mais tarde, na assunção da identidade gay e no controle da diversidade "perversa".

2.2 O Bate-Papo do UOL

No caso do UOL, o site foi escolhido porque mantém as salas de *Bate Papo* com maior quantidade de acesso no Brasil, que somam mais de setenta mil pessoas simultaneamente conectadas. Ademais, mantém uma rede de assinantes que passa de dois milhões de pessoas (UOL, 2011). Durante as observações, o primeiro problema que se revelou foi a diversidade das salas. Assim, a escolha foi menos regional e partiu-se de uma delimitação: as salas de *Sexo Gay*, nacionais. Outro problema dizia respeito ao do modo de abordagem dos sujeitos. Como não se tratava de uma pesquisa etnográfica, mas de uma análise discursiva, a saída metodológica foi a produção de uma pequena entrevista estruturada, de questões que versavam sobre os discursos que já tinham sido observados: a insistência em designações de si (os *nicknames* que cada usuário utiliza) marcadas pela presença de indicadores dos papéis sexuais e de faixa etária; a permanente publicização de enunciados explicitamente "hierárquicos", nos quais os sujeitos esclareciam os objetivos de sua presença na sala.

Estes discursos guardam uma relação importante com a nomeação, que abordo antes de passar às entrevistas. Nas sala, cada usuário escolhe um "apelido" (*nickname*) para se comunicar com os demais. No caso das salas voltadas para o "tema" sexo, é comum que estes *nicknames*

façam menção a partes do corpo ou papéis sexuais. Assim como acontecia no *Disponível.com*, a construção de uma identidade *gay* no *Bate Papo UOL Sexo Gay* parte de um discurso marcadamente hierárquico, em que ativos e passivos encenam formas de sujeito incomensuráveis. Para deslindar esta produção de identidades via nomeação, recorro às nomeações encontradas em 10 dessas salas, entre 15 de janeiro e 3 de fevereiro de 2012. Como o UOL oferece a ferramenta "Espiar", não é necessário que se entre na sala para saber quais são os usuários presentes em cada momento.

Numericamente, o total de usuários online somou 352 pessoas. Neste universo, aventei a existência de duas categorias recorrentes: a nomeação por papel sexual, que incluía também à menção direta ao corpo ("Pau", "Cu"); a nomeação por faixa etária. A primeira categoria foi utilizada por 96 usuários, divididos entre ativos e passivos e suas corporalidades (as grafias são as mesmas dos usuários): #BUNDINHA na CAM, 20cmTorto Gozar, rolão 21x5, NEGÃO DOTADO, machoputinha, japinhaviadinho, ticuloarregaçacu, bundabranca. A listagem, porém, não é infinita. Durante os meses de observação, pode-se aduzir uma espécie de gramática, bastante rígida em sua normatização. Assim é que, em sala de Bate Papo de Cidades, aparecem recorrentemente os mesmo *nicknames*, segundo os mesmos regramentos, quais sejam: formas de subjetivação na internet construídas a partir da atividade são marcadas pela enunciação explícita do "pênis" (e seus derivados mais "obscenos", "pau", "kct" etc.), de seu tamanho, e por verbos que denotam "dominação", como "meter", "arregaçar"; enquanto formas de subjetivação produzidas a partir da passividade marcam-se pela recorrente menção à "bunda" (e seus derivados, "cu", "rabo" etc.) e por verbos relativos ao intercurso anal ("rebolar", "piscar").

A taxionomia, é preciso esclarecer, não obedece à referencialidade. Trata-se de uma encenação discursiva, de um jogo em que as identidades são construídas a partir do código moral e que pretende simular uma produção de sujeitos e de corporalidades a partir da regra heteronormativa-monossexual - como gostaria Butler (2001) -, que demanda a adesão ao regramento, sob pena de sanções relativas ao circuito afetivo-sexual. Desta perspectiva, Braz (2006) aponta que, em São Paulo, a primeira década do século XXI recorre a uma distribuição entre identidades "masculinas" e as demais, as tornadas "abjetas" (à Butler, outra vez). Segundo o autor, a rejeição, na economia da sociabilidade, recai sobre os sujeitos atravessados pelo negativo da configuração: pobres, "bichinhas poc poc", "afeminados".

Além disso, é um mesmo jogo que instaura uma exigência de verdadeiro masculino/ativo no usuário do *Disponível.com*, *Machoativoquermacho* e nos *nicknames* do UOL: o do interdito da passividade e da efeminização e o da permanência fantasmática da hierarquia. As escansões do discurso são claras: há uma sociabilidade que permite a "união" entre a diversidade homossexual. Esta ambiguidade diz respeito a uma fundamental separação entre a moralidade de uma forma de subjetivação modernizante e uma repetição-retorno de uma pessoalização arcaica e tradicional, conforme as descrições de Da Matta (1997). Silenciadas e denegadas, elas reaparecem, implacáveis, como espectros do discurso monossexual (FOUCAULT, 2010, p.124).

3 Considerações finais

Certamente, os recortes do Disponível. com e do BatePapoUOL não são suficientes para a criação de uma teoria geral das práticas online e nem para delinear uma configuração única e totalizadora para a objetificação e a subjetivação das homossexualidades. Nem era este seu intuito, mas apenas o de fazer supor uma presença incômoda na liberdade, uma manifestação mais astuta do poder, que se desloca e continua a circular, criando corpos e sujeitos, e os repartindo, fantasmaticamente. No caso da homossexualidade masculina no Brasil do século XXI, nota-se a permanência de uma economia dos enunciados que obedece à lógica de um fantasma, cujo duplo funcionamento discursivo revelava a manutenção de um discurso público da igualdade e da diversidade, contraposto a um discurso hierárquico e repetitivo, da ordem do privado e do fantasmático.

É este espectro que encerra o artigo. Encerra porque é com ele, afinal, que se pretende interpretar as escansões e retornos realizados pelo discurso sobre/das homossexualidades em relação aos enunciados e práticas de "passividade" e "efeminização". Encerra, ainda, porque circunscreve a homossexualidade online a um discurso menos revolucionário e, de alguma forma, mais micro-político. Dito de outro modo: repensar a volta das homossexualidades abjetas como fantasma da monossexualidade contemporânea exige que se entenda a série de reescritas e deslocamentos produzidas pelo próprio discurso homossexual brasileiro, quando este se pretendia "libertário" ou "subversivo". Exige uma tomada de posição que investigue as "baixas origens" dos esforços de produção de sujeitos mais livres e, no mesmo movimento, que se interrogue sobre a permanência e o retorno dos discursos, sempre disciplinarizadores, amiúde ubuescos.

REFERÊNCIAS

- BRAZ, C. A. de. Macho *versus* Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.28, p.175-206, jan.jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 set. 2009.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.
- BUTTURI JUNIOR, A. *A passividade e o fantasma: o discurso monossexual no Brasil*. 2012. 280f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- DA MATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DISPONÍVEL.COM. 2011. Disponível em: <<http://disponivel.uol.com.br/web/>> . Acesso em: out. 2011,



FOUCAULT, M. O triunfo social do prazer sexual: uma conversação com Michel Foucault. In: _____. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política*. 2.ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p.119-125.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19.ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2009a.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 13.ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2009b.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 2.ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Bate papo UOL*. Disponível em: <<http://batepapo.uol.com.br>> Acesso em: 2 jan.2012.

ZAGO, L. F. *Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet*. 2009. 227f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.